

# As fontes acionadas no Jornalismo Guiado por Dados durante a cobertura da Covid-19

## The news sources used in Data-driven Journalism during the Covid-19 coverage

Marília Gehrke<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo classificou as fontes documentais de notícias sobre Covid-19 publicadas de março a junho de 2020 na seção Igualdades, da Revista Piauí. As fontes foram categorizadas quanto ao tipo e à origem. Em um recorte de 62 fontes distribuídas em 13 notícias de Jornalismo Guiado por Dados, as fontes documentais do tipo estatística foram de longe as mais utilizadas, com 82,2% dos casos. E, mesmo com as limitações dos dados institucionais, as fontes oficiais documentais tiveram a origem mais recorrente, ou seja, em 64,5% dos casos.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Guiado por Dados. Fontes jornalísticas. Covid-19.

**Abstract:** This study aimed to classify the documentary news sources used in articles about Covid-19 between March and June 2020 at Igualdades, from Revista Piauí. They were categorized according to their type and origin. It was detected 62 news sources in 13 articles of Data-driven Journalism. The news sources identified as the statistical type were used more frequently, with 82,2% cases. Despite the institutional data limitations, the official documentary news sources mostly appeared regarding the origin, with 64,5% of the cases.

**Keywords:** Data-driven Journalism. News sources. Covid-19.

.....

---

<sup>1</sup> Jornalista e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Código de financiamento: 001. E-mail: mariliagehrke@gmail.com.

## 1 Introdução

Este estudo examina as fontes documentais utilizadas em notícias sobre a pandemia de Covid-19 na seção *Igualdades*, especializada em Jornalismo Guiado por Dados (JGD) e atualizada semanalmente no site da Revista Piauí<sup>2</sup>. O recorte empírico é constituído por todas as matérias jornalísticas publicadas de março a junho de 2020 e que cobrem a pandemia, totalizando 13 textos e 62 fontes documentais acionadas. Com este recorte, busco fazer uma contribuição pontual sobre os estudos de fontes no jornalismo.

Considerando que as fontes jornalísticas estão ligadas à qualidade da informação produzida, busco responder, nesta breve pesquisa, quais fontes documentais (bancos de dados, estudos científicos, relatórios, notas técnicas e outros) foram acionadas neste período, classificando-as de acordo com o tipo (arquivo documental, estatística e reprodução) e origem (alternativa, empresarial, especialista ou oficial). Parto da hipótese de que, devido à ausência ou limitação de dados oficiais sobre a Covid-19, outras fontes têm potencial para se sobressair e ganhar espaço nas notícias.

Sem políticas públicas unificadas para o combate à doença, o Brasil tornou-se o segundo no mundo (atrás apenas dos Estados Unidos) em infectados e mortos: 3.669.995 casos confirmados e 116.580 óbitos até o dia 26 de agosto de 2020, de acordo com o Ministério da Saúde<sup>3</sup>. O primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro. Em plena pandemia, o governo federal chegou a omitir, no início de junho, o total acumulado de contaminados e mortos, configurando um “apagão” de dados. Diante da imprevisibilidade do governo e da falta de detalhamento das informações oficiais, surgiram iniciativas da sociedade civil para monitorar a propagação da doença, a exemplo do Brasil.io<sup>4</sup> e do Lagom Data<sup>5</sup>, que compilam dados obtidos junto às secretarias estaduais de saúde.

A ausência ou o desencontro de informações por parte do governo federal e de governos locais associados à disseminação de desinformação, especialmente por meio de sites de rede social e de aplicativos de mensagens, contribuíram para a centralidade da

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/tag/igualdades/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://brasil.io/dataset/covid19/caso/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.lagomdata.com.br/coronavirus>

imprensa como ator fundamental a quem se recorre na busca de informações qualificadas durante a pandemia. Os próprios veículos jornalísticos brasileiros criaram um consórcio para acompanhar o avanço da doença no país. Mesmo os jornalistas que até então tinham pouca familiaridade com a cobertura de saúde e ciência ou com os dados tiveram de se adaptar e buscar informações mais específicas sobre os temas relacionados à pandemia.

No Jornalismo Guiado por Dados, os desafios também surgiram: como calcular a provável subnotificação de casos e mortes por Covid-19? Que tipos de dados, repositórios públicos e instituições são confiáveis e podem ser consultadas? Qual é o impacto da baixa testagem no número de infecções e óbitos? De que forma interpretar os resultados e saber em que momento da pandemia estamos? Como explicar a média móvel para o público? Além das explicações quantitativas propriamente ditas, outro desafio tem sido não naturalizar ou banalizar, no noticiário, o número de casos e mortes a partir das estatísticas.

Para responder a essas e outras questões, os jornalistas lançam mão de fontes. No caso do JGD, principalmente fontes documentais (bancos de dados, estudos, rankings, legislação entre outros). Analisar como essas fontes aparecem no noticiário é fundamental para compreender como o jornalismo vem sendo feito em tempos de pandemia. O cenário da Covid-19 no Brasil, assim, apresenta relevância social também para a pesquisa em jornalismo.

Em linhas gerais, observei, neste estudo, que as fontes documentais do tipo estatística (composto principalmente por bancos de dados públicos) são de longe as mais utilizadas nas matérias, com 51 (82,26%) das 62 ocorrências. Os números também sugerem que, apesar de certa desconfiança quanto à qualidade dos dados, as fontes documentais oficiais (mantidas por órgãos públicos) ainda são as mais empregadas nas matérias jornalísticas sobre Covid-19, com 40 (64,52%) casos. Neste recorte, chama a atenção o número reduzido de fontes especialistas consultadas, e que teriam potencial para contextualizar o debate.

## 2 O papel das fontes na informação qualificada

Fontes são pessoas e documentos munidos de informações e que auxiliam o jornalista no processo de identificação, compreensão e contextualização de um evento (GEHRKE, 2018). A produção de notícias é resultado de relações sistêmicas entre jornalistas e fontes (ERICSON; BARANECK; CHAN; 1987). Neste artigo, o enfoque corresponde às fontes documentais – a exemplo de bancos de dados, legislações, relatórios, estudos científicos, notas técnicas, publicações em sites de redes sociais – acessados pelos jornalistas por meio de consulta e não de entrevista (GEHRKE, 2018a).

As interações entre jornalistas e fontes envolvem aspectos culturais e organizacionais que exigem, sobretudo, uma carga interpretativa do repórter diante dos fatos. Por esta mesma razão, diz-se que não existem dados brutos (GITELMAN, 2013), uma vez que os bancos de dados foram pensados e estruturados por seres humanos que decidiram quais informações devem ou não ser contempladas diante de um tema. Ou seja, houve um processo de seleção e de recorte muito antes de um conjunto de dados ser disponibilizado ao público. Dessa forma, os jornalistas precisam apreender e analisar criticamente as informações concedidas tanto por fontes pessoais quanto documentais, visto que interesses estão em jogo em ambas.

Enquanto mediador qualificado, o jornalismo não se encarrega apenas de transmitir os acontecimentos ao público. Ao compreender que apenas o conceito de informar é insuficiente para descrever o caráter da informação jornalística, Reginato (2019) propõe que o jornalismo não apenas informa, mas informa de modo qualificado. A autora identifica cinco parâmetros que indicam essa diferença, estabelecendo que informar de modo qualificado prevê que a informação seja verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente.

A consulta às fontes perpassa todos esses pontos. Além da precisão de termos, números e datas, prevista pela verificação criteriosa, esse processo inclui a checagem da verdade dos fatos junto às fontes com as quais se apura determinada informação. Reginato (2019) aponta que, diante de um cenário repleto de informações, faz-se ainda mais necessário que o jornalista apresente fontes identificáveis.

Por ser uma prática que tem inspiração no método científico e procedimentos bem definidos – a objetividade no método, portanto –, o Jornalismo Guiado por Dados tem

potencial para oferecer aos leitores uma prática transparente (GEHRKE, 2018b). A objetividade no método prevê o seguinte: por meio de técnicas de apuração, o relato jornalístico se aproxima ao máximo da realidade dos fatos abordados (GUERRA, 2008; SPONHOLZ, 2009). Tornar visível o que está escondido, portanto, está no cerne do método jornalístico (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987).

O uso de fontes também está associado à relevância da qual fala Reginato (2019). Um tema socialmente relevante demanda a apresentação de fontes que possuem domínio sobre o tópico abordado, fornecendo informações precisas e que contribuam para a contextualização, ou seja, para a inserção do acontecimento em um quadro de significados que faça sentido para o leitor. Sob este aspecto, a pluralidade assegura a diversidade de fontes consultadas. Para esta mesma autora, a informação qualificada ainda deve ser envolvente, garantindo uma narrativa inédita e capaz de envolver os leitores – o que costuma ser possível, mais uma vez, por meio das fontes.

Em minha dissertação, classifiquei as fontes documentais empregadas em 60 notícias que seguiam técnicas de Jornalismo Guiado por Dados (GEHRKE, 2018a). O JGD pode ser definido como “[...] a aplicação da computação e dos saberes das ciências sociais na coleta, processamento, interpretação e apresentação de dados, com o objetivo de ampliar a função da imprensa como defensora do interesse público” (TRÄSEL, 2014, p. 119). À época, as 213 fontes documentais inéditas localizadas no corpus foram transformadas em três categorias principais: **arquivo documental, estatística e reprodução**.

A categoria de arquivo documental abrange, em resumo, notas, relatórios, decretos, memorandos, rankings, estudos, resoluções, leis e informações gerais sobre programas, projetos e iniciativas. O tipo estatística compreende o uso de números para descrever um fenômeno. Verifica-se em publicações que levam estatística descritiva, séries históricas, indicadores, taxas, relatórios, cartas de conjuntura e análises. O tipo reprodução, por sua vez, reúne comunicados ou declarações emitidas por pessoas e organizações. Também estão incluídas publicações de veículos de comunicação à medida que são citados como fontes e postagens em sites de rede social. Pressupõe maior mediação do que os outros tipos.

Embora a principal contribuição de minha dissertação tenha sido a categorização de fontes documentais acionadas, e não necessariamente sua natureza ou caráter, é possível

afirmar que as duas primeiras categorias são as que compreendem um maior número de fontes oficiais ou institucionais e, justamente por isso, tendem a ser frequentemente empregadas no Jornalismo Guiado por Dados. No corpus analisado na dissertação (GEHRKE, 2018a), a categoria estatística representou a maior parcela das fontes documentais, com 67,61% dos casos, seguido de arquivo documental, com 23,47%, e reprodução, com 8,92%.

Ericson, Baranek e Chan (1987) classificam as fontes como altamente estruturadas, pouco estruturadas e não estruturadas, levando em conta como as informações são disponibilizadas e acessadas. Trazendo essa classificação para a realidade atual, é possível enquadrar os bancos de dados na primeira categoria, juntamente com boletins oficiais e releases, utilizados entre os exemplos dos autores. No caso das fontes altamente estruturadas, há uma grande interferência de governos e instituições no tipo de informação que será tornada pública. A segunda categoria compreende o contato interpessoal que não é possível obter junto às fontes documentais, mas somente com fontes pessoais, como a entrevista. Dessa forma, trata-se de algo pouco estruturado. A terceira categoria, de fontes não estruturadas, diz respeito ao vazamento de informações, ou seja, quando o repórter recebe documentos enviados por terceiros e precisa interpretar e fazer sentido das informações. Práticas como essa são de certa forma corriqueiras no Jornalismo Guiado por Dados e deram origem a investigações em rede, a exemplo do *Panama Papers*<sup>6</sup>, desenvolvida pelo Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ, na sigla em inglês).

Ao estudar 150 notícias de JGD que circularam diariamente nos jornais *The New York Times* e *The Washington Post* na primeira metade de 2017, Zamith (2019) examinou características associadas aos conceitos de transparência, interatividade, diversidade e origem da informação. Ao final da pesquisa, descobriu que, além de o Jornalismo Guiado por Dados praticado diariamente não apresentar características que não o tornam especialmente transparente ou interativo, identificou que existe uma dependência de fontes institucionais. Para o autor, portanto, o JGD ainda está em evolução, mas não é, dessa forma, uma prática revolucionária.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.icij.org/investigations/panama-papers/>

As limitações do Jornalismo Guiado por Dados tendem, além disso, variar de acordo com o país ou região do mundo em que são praticados. Ainda que as questões tecnológicas não sejam definidoras conceitualmente, perpassam todo o potencial que pode ser desenvolvido com essa prática. Ao menos no Brasil, veículos de comunicação de referência e nativos digitais ainda parecem estar longe de incorporar por completo as características que Bradshaw (2017) apresenta como sendo pertencentes à segunda onda do JGD, ou seja, à segunda década de práticas (2010-2020). Esta etapa estaria principalmente ligada à solução de problemas por meio do pensamento computacional e da construção de algoritmos, assim como transparência metodológica e algorítmica. O que se observa no Brasil, atualmente, é o uso frequente de bancos de dados públicos e oficiais, assim como pedidos exclusivos feitos por meio da vertente passiva da Lei de Acesso à Informação (LAI)<sup>7</sup>. São pontuais os casos em que foram criados bancos de dados exclusivos para determinada pauta.

Com raízes no Jornalismo de Precisão e na Reportagem Assistida por Computador (RAC), práticas desenvolvidas nas décadas de 1970 e 1980, principalmente nos Estados Unidos, o Jornalismo Guiado por Dados trabalha com hipótese e método científico, em que há explicação do passo a passo e potencial reprodutibilidade no método. Em reflexões anteriores (GEHRKE, 2016; TRÄSEL; GEHRKE, 2020), aponte que as características do JGD têm potencial para aproximá-lo de um conhecimento formal e sistemático, mais próximo do *conhecimento sobre* estabelecido no continuum proposto por Park (1940). Dessa forma, entendo, também, que o Jornalismo Guiado por Dados pode significar a retomada conceitual da objetividade como método (GEHRKE, 2017).

Diante das potencialidades trazidas pelo formato digital às narrativas jornalísticas, Nielsen (2017) atualiza a discussão de Park e aponta a existência de três categorias principais para o conteúdo que vem sendo produzido: notícias-como-impressões (fragmentos noticiosos e alertas), notícias-como-itens (artigos individuais ou veiculados em jornais, revistas, televisão) e notícias-sobre-relações (com informações contextuais). Formas como o jornalismo explicativo e o Jornalismo Guiado por Dados estariam nessa última categoria, pois

---

<sup>7</sup> A Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, apresenta uma vertente ativa, em que órgãos públicos de todos os poderes e esferas disponibilizam informações de interesse público, e uma vertente passiva, em que é possível fazer pedidos específicos por meio do Serviço de Informação ao Cidadão (SIC).

se encarregam não apenas de comunicar os fatos, mas de colocá-los em perspectiva, estabelecendo contexto<sup>8</sup>. Ao identificar a existência desta terceira categoria, Nielsen (2017) defende que há jornalismo de qualidade feito para a web, e não apenas formas rápidas e efêmeras que trazem os fatos superficialmente. Além disso, práticas de notícias-sobre-relações costumam ter um conteúdo duradouro.

A contextualização no jornalismo se dá por meio das fontes. É dessa forma que o jornalista pode dizer o que aconteceu, o que está relacionado ao evento, por que aconteceu e o que pode ser feito em relação a isso (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987). O conhecimento produzido pelo jornalismo, do qual falam Park (1940) e Nielsen (2017), tem relação com a interpretação colocada em contexto. A partir de suas leituras de mundo e percepções de onde estão inseridos, fontes (pessoais e documentais) e jornalistas têm potencial para selecionar e definir as ocorrências que irão se tornar públicas (ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987).

Como vimos, os dados são um tipo de fonte documental que também exigem atenção e análise crítica por parte dos jornalistas para sua utilização. Em temas como a cobertura de Covid-19, parece ser ainda mais necessário que haja contextualização e senso crítico dos jornalistas em relação à qualidade dos dados oficiais e suas limitações. De um lado, Westlund e Hermida (2020) afirmam que, em sua melhor versão, o Jornalismo Guiado por Dados tem potencial para examinar, revelar e apresentar visualizações de fenômenos complexos a partir de conhecimento preciso e verificado. Por outro lado, porém, estão em jogo o acesso aos dados como matéria-prima, bem como sua disponibilidade e eventuais restrições.

---

<sup>8</sup> Partindo do pensamento complexo, Lückman e Fonseca (2017) discutem a contextualização e o contexto no jornalismo. Para as autoras, o jornalismo que contextualiza cumpre duas premissas principais: fornece detalhes dos acontecimentos já noticiados a respeito do tema gerador da notícia e oferece ao leitor o máximo de informações relevantes associadas aos antecedentes históricos e sociais do acontecimento noticioso.



### 3 Os limites dos dados da Covid-19 no Brasil

Desde o início da pandemia, o governo federal não apresenta dados detalhados sobre a incidência de Covid-19. O Painel Coronavírus<sup>9</sup>, do Ministério da Saúde, disponibiliza somente os dados agregados por estado, o que não permite que se estabeleça uma série histórica por município. Como o Brasil é um país de dimensões continentais e heterogêneo entre suas regiões, é fundamental que haja dados detalhados por município, visto que há diferença entre um e outro local e o modo como a doença se espalha.

No início de junho, em que os casos e mortes por Covid-19 dispararam no Brasil, o governo federal tirou o painel do ar para deliberadamente prejudicar a cobertura jornalística. Diante da situação, veículos jornalísticos brasileiros se uniram para coletar e dar mais transparência às informações, formando um consórcio<sup>10</sup>. Antes disso, iniciativas da sociedade civil, já mencionadas na introdução deste artigo, como o Brasil.io e o Lagom Data, passaram a servir de fonte para a imprensa. Embora ambos tenham como base os dados oficiais, a coleta inclui a lista de municípios por estado, formando uma série histórica e qualificando possíveis interpretações sobre o avanço da pandemia.

Em relação aos dados estaduais, federal e, mais recentemente, às capitais, a Open Knowledge Brasil, entidade sem fins lucrativos, criou o Índice de Transparência da Covid-19<sup>11</sup> para avaliar o nível de abertura das informações. De abril a agosto de 2020, maior parte dos estados brasileiros avançou na transparência, oferecendo microdados (informações detalhadas sobre cada um dos casos de Covid-19) e opções de download em formato aberto e estruturado à população. Ainda assim, por conta da baixa testagem, os dados oficiais são vistos com ressalvas e tendem a subestimar o real número de infectados.

Paralelo a isso, não há uma política unificada de combate à doença no Brasil. Municípios e estados adotam um tipo de estratégia, enquanto o presidente Jair Bolsonaro minimiza o impacto das mortes, incentiva a ingestão de medicamentos ineficazes e circula entre seus apoiadores, ignorando as recomendações científicas para o distanciamento social

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://transparenciacovid19.ok.org.br/>

como forma de prevenção diante da inexistência de uma vacina. Durante a pandemia, dois ministros da Saúde deixaram o governo federal. Em agosto, quando este artigo foi escrito, o Brasil permanecia sem ministro da Saúde desde o dia 15 de maio.

Soma-se a este cenário a desinformação que o próprio governo federal e seus membros espalham pelos sites de rede social. A Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República, por exemplo, frequentemente distorce estatísticas em seu perfil no Twitter<sup>12</sup>. Além disso, o governo federal cria uma narrativa mentirosa de que supostamente o Brasil está superando a pandemia. Durante pronunciamento no evento “Brasil vencendo a Covid-19”, ocorrido no dia 24 de agosto, o presidente sequer mencionou as 115 mil mortes em decorrência da doença<sup>13</sup>.

As distorções do governo federal inclusive com o uso de dados acendem um alerta em relação à cobertura noticiosa. Ao longo da história do jornalismo, os dados vêm sendo usados para conferir precisão e contexto aos acontecimentos (ANDERSON, 2018). A situação em meio à pandemia é tão particular que, o que se observa em tempos de Covid-19, é a abertura de incerteza por parte dos jornalistas a partir da produção de textos que admitem as limitações dos bancos de dados. Entre os exemplos estão *As mortes incógnitas da pandemia* (ROSSI; BUONO, 2020), publicada pela *Revista Piauí* e que inclui estatística de mortes por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), e *Base de dados de cartórios traz falhas que impedem calcular efeito real do coronavírus no Brasil* (DIEGUES; FARIA; TAKAHASHI, 2020), publicada pela *Folha de S.Paulo*, e que compara o número de mortes registradas no país antes e depois da pandemia. Mais uma vez, problematizar a qualidade das fontes torna-se evidente. Ao admitir que há incerteza inclusive nas fontes utilizadas, o jornalismo abre caminhos para uma relação de respeito e honestidade com o leitor.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://twitter.com/secomvc>

<sup>13</sup> Disponível em:

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,no-evento-vencendo-a-covid-19-bolsonaro-nao-cita-115-mil-vitimas-e-chama-jornalistas-de-bundoes,70003410842>

## 4 Metodologia

Estudar as fontes acionadas pelos jornalistas é determinante para compreender como vem sendo feita a cobertura de Covid-19 no Brasil. Examinar as notícias que apresentam técnicas de Jornalismo Guiado por Dados permite compreender, portanto, quais são as fontes documentais geralmente utilizadas, o que se traduz no emprego de bancos de dados, estatísticas, estudos científicos e outros. Em geral, o JGD feito no país tem como ponto de partida bancos de dados públicos, já disponibilizados por órgãos de governo, e pedidos exclusivos efetuados por meio da Lei de Acesso à Informação. Em se tratando da Covid-19, porém, outra situação se apresenta: o desencontro de dados por parte de municípios, estados e do governo federal, conforme explicado nos tópicos anteriores.

Neste estudo, parto da hipótese que, devido à ausência ou limitação de dados oficiais sobre a Covid-19, outras fontes têm potencial para se sobressair e ganhar espaço nas notícias. Para testar essa hipótese, decidi analisar a seção *Igualdades*, presente no site da *Revista Piauí*. Alguns motivos principais justificam a minha escolha: a produção de conteúdo para a seção é regular (semanal) e específica de Jornalismo Guiado por Dados, a revista é conhecida pela sua capacidade de contextualização dos fatos e, ao olhar para esta produção, examino notícias publicadas fora do jornalismo de referência, que tende a ser frequentemente contemplado em pesquisas. Devido à periodicidade, é possível inferir que há mais tempo de apuração, permitindo que a equipe formule e desenvolva pautas complexas. Esta pesquisa não apresenta a profundidade de um estudo de caso, mas busca trazer uma contribuição pontual que pode se repetir no estudo de outros veículos de comunicação.

Optei como recorte temporal as notícias publicadas de março a junho de 2020. Listei somente os textos cujo tema central é a Covid-19, totalizando 13 matérias jornalísticas e 62 fontes acionadas, incluindo eventuais repetições de fontes nas matérias jornalísticas. Sob inspiração metodológica da *Análise de Cobertura Jornalística* (SILVA; MAIA, 2011) quanto à procedência da informação, categorizei as fontes em relação ao **tipo** e à **origem**.

Quanto ao **tipo**, empreendo a categorização que desenvolvi no mestrado em relação às fontes documentais acionadas no JGD: **arquivo documental** – estudos, notas, relatórios, projetos e outros; **estatística** – informações numéricas estruturadas em planilhas e bancos de

dados; e **reprodução** – declarações consultadas como registro, sem acesso direto às fontes primárias (GEHRKE, 2018a).

Em relação à **origem**, parto da proposição de Lage (2009), mas adapto suas categorias à realidade das práticas de Jornalismo Guiado por Dados. Assim, proponho a seguinte classificação: **empresarial** – abrange empresas e companhias do setor privado; **especialista** – instituições que produzem conhecimento científico; **alternativa** – organizações sociais, ativistas, plataformas agregadoras e outros; e **oficial** – poder público, órgãos governamentais, fundações, associações e sindicatos, por exemplo.

Todos os textos selecionados (TABELA 1) foram lidos e tiveram suas fontes identificadas e listadas em uma planilha. Em geral, as notícias divulgadas pela *Revista Piauí* na seção *Igualdades* apresentam, ao final de cada texto, as fontes utilizadas. Normalmente, essas fontes são identificadas com o hiperlink de acesso ao conteúdo original. Além de conferir maior transparência, permitindo que o leitor possa verificar e eventualmente reproduzir o passo a passo da reportagem, a liberação do hiperlink de origem contribuiu para a melhor detecção e posterior classificação quanto aos tipos de fonte documental.

TABELA 1  
Lista de notícias que compõem o recorte de pesquisa

Título	Data	Hiperlink
O ritmo da pandemia	16/03/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/o-ritmo-da-pandemia/">https://piaui.folha.uol.com.br/o-ritmo-da-pandemia/</a>
Epidemias diferentes numa mesma pandemia	23/03/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/epidemias-diferentes-numa-mesma-pandemia/">https://piaui.folha.uol.com.br/epidemias-diferentes-numa-mesma-pandemia/</a>
A evolução da epidemia no Brasil	30/03/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/evolucao-da-epidemia-no-brasil/">https://piaui.folha.uol.com.br/evolucao-da-epidemia-no-brasil/</a>
A vida na quarentena	06/04/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/vida-na-quarentena/">https://piaui.folha.uol.com.br/vida-na-quarentena/</a>
A quarentena afrouxada	20/04/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/a-quarentena-afrouxada/">https://piaui.folha.uol.com.br/a-quarentena-afrouxada/</a>
A economia em quarentena	27/04/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/economia-em-quarentena/">https://piaui.folha.uol.com.br/economia-em-quarentena/</a>
A pandemia no interior do país	04/05/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/pandemia-no-interior-do-pais/">https://piaui.folha.uol.com.br/pandemia-no-interior-do-pais/</a>
Bolsonário: Twitter	18/05/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonario-twitter/">https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonario-twitter/</a>
Menos carbono na quarentena	25/05/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/menos-carbono-na-quarentena/">https://piaui.folha.uol.com.br/menos-carbono-na-quarentena/</a>
Na pandemia como na guerra	01/06/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/na-pandemia-como-na-guerra/">https://piaui.folha.uol.com.br/na-pandemia-como-na-guerra/</a>
O Brasil sem home office	08/06/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/o-brasil-sem-home-office/">https://piaui.folha.uol.com.br/o-brasil-sem-home-office/</a>
As mortes incógnitas da pandemia	15/06/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/as-mortes-incognitas-da-pandemia/">https://piaui.folha.uol.com.br/as-mortes-incognitas-da-pandemia/</a>
A doença que mais mata	29/06/20	<a href="https://piaui.folha.uol.com.br/doenca-que-mais-mata/">https://piaui.folha.uol.com.br/doenca-que-mais-mata/</a>

FONTE – A AUTORA, 2020.

O emprego de hiperlinks associados às fontes é uma das características da transparência metodológica no Jornalismo Guiado por Dados (GEHRKE, 2018b; GEHRKE, 2020). A partir de questionário de pesquisa, jornalistas de dados responderam que, entre suas estratégias frequentemente utilizadas para práticas transparentes, estão a disponibilização de hiperlink para indicação de fontes originais, documentos que trazem a procedência da informação, metodologia detalhada e código-fonte aberto para oferecer informações sobre análise estatística e outros procedimentos desenvolvidos na reportagem (GEHRKE, 2020).

Ainda que o corpus abordado neste estudo seja pequeno, cumpre o objetivo de descrever que tipos de fontes são abordadas na cobertura de Jornalismo Guiado por Dados em Covid-19 e qual é sua procedência. Como veremos a seguir, não se confirma a hipótese de que fontes alternativas se sobressaem em relação às fontes oficiais.

## 5 Resultados

As 13 notícias publicadas de março a junho na seção *Igualdades* do site da Revista Piauí sobre Covid-19 somam 62 fontes documentais. Em média, cada reportagem contou com cinco fontes. Entre os temas abordados nas matérias jornalísticas, o andamento da pandemia (com número de casos e mortes por Covid-19) foi o mais recorrente. As reportagens também discutiram, entre outros tópicos, o impacto econômico da doença, os números do trabalho em home office e os dados de mobilidade para verificar a aderência da população ao distanciamento social.

Entre as fontes documentais localizadas, as do tipo **estatística** são, de longe, as mais frequentemente empregadas, com 51 (82,26%) ocorrências, seguido de **arquivo documental**, com 10 (16,13%), e **reprodução**, com apenas 1 (1,61%) caso. Observei resultados semelhantes em minha dissertação (GEHRKE, 2018a). Como a grande parcela de uso é justamente do tipo estatística, isso também se reflete na origem da informação: em geral, as fontes oficiais são priorizadas para a obtenção de números. Assim, os resultados também sugerem que, apesar de certa desconfiança quanto à qualidade dos dados divulgados por órgãos institucionais, as fontes documentais **oficiais** ainda são as mais empregadas nas notícias sobre Covid-19, com 40 (64,52%) casos. Na sequência encontram-se as

**empresariais**, com 9 (14,51%), as **alternativas**, com 7 (11,29%), e as **especialistas**, com 6 (9,68%). A tabela a seguir resume essas informações:

TABELA 2  
Classificação das fontes documentais

<b>Tipo</b>	Arquivo documental	16,13%
	Estatística	82,26%
	Reprodução	1,61%
<b>Origem</b>	Alternativa	11,29%
	Empresarial	14,51%
	Especialista	9,68%
	Oficial	64,52%

FONTE – A AUTORA, 2020.

Embora pareça natural que o Jornalismo Guiado por Dados deva se basear em fontes oficiais, especialmente em plena pandemia, essa premissa não se torna tão óbvia quando há desencontro de dados divulgados pelos órgãos oficiais e desinformação gerada pelo próprio governo federal e seus aliados. Além disso, a instabilidade no abastecimento das informações sobre a pandemia não permite que os jornalistas confiem plenamente que todos os dados serão disponibilizados diariamente. Uma alternativa à dependência exclusiva do governo federal é a consulta recorrente às secretarias estaduais e municipais de saúde – ainda que igualmente sejam uma fonte oficial, a tendência é que as atualizações de casos e mortes sejam mais precisas, mesmo sob o risco de haver atraso na comunicação dos dados de um órgão de governo para outro.

Retomando a categorização de fontes documentais, o tipo **arquivo documental** reuniu, no corpus estudado, relatórios, notas técnicas e estudos científicos sobre a Covid-19. A categoria **estatística**, por sua vez, trouxe bancos de dados públicos (Ministério da Saúde brasileiro e de outros países), informações de secretarias estaduais e municipais de Saúde, dados da Universidade Johns Hopkins, números disponibilizados por associações (Confederação Nacional da Indústria – CNI e Confederação Nacional dos Transportes – CNT, por exemplo), pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dados de mobilidade emitidos pelo Google. A fonte documental do tipo **reprodução**, por sua

vez, teve apenas uma ocorrência. Nesse caso, a reportagem utilizou dados do Twitter para identificar o vocabulário utilizado pelo presidente Jair Bolsonaro nesse site de rede social durante a pandemia.

As 40 fontes oficiais detectadas nas notícias da Revista Piauí concentram-se, em sua grande maioria, no tipo de fonte estatística (80%). O tipo arquivo documental concentra os outros 20%. Já as nove fontes empresariais utilizadas encontram-se principalmente na categoria estatística (89%), com apenas um caso na categoria reprodução (11%). Todas as fontes alternativas, por sua vez, correspondem à categoria estatística, com destaque para os projetos de coleta de dados do Brasil.io, em nível nacional, e *The Covid Tracking Project*<sup>14</sup>, nos Estados Unidos, com duas ocorrências, cada. Indica, portanto, que iniciativas responsáveis pela coleta e organização de dados de Covid-19 são particularmente úteis aos jornalistas de dados, que muitas vezes não podem contar com dados abertos disponibilizados pelos órgãos de governo. Já as seis fontes especialistas detectadas nesse recorte estão associadas às categorias estatística (66,7%) e arquivo documental (33,3%).

Apesar das limitações interpostas à análise de apenas um veículo jornalístico, chama a atenção a baixa ocorrência de fontes documentais especialistas – aqui incluídas instituições científicas –, que apresentam potencial para contribuir com dados e discussões sobre a Covid-19. Embora as fontes alternativas apareçam pontualmente em algumas notícias, até mesmo as empresariais ganharam espaço na cobertura da pandemia, sobressaindo-se às fontes especialistas e sugerindo que houve cobertura de temas econômicos sobre a Covid-19. Os resultados fazem refletir, entre outras questões, sobre o tipo de discussão que o jornalismo pretende impulsionar em se tratando da pandemia.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://covidtracking.com/>. Trata-se de uma iniciativa vinculada ao veículo de comunicação *The Atlantic*.

## 6 Considerações finais

A pandemia de Covid-19 trouxe aspectos pouco usuais à cobertura jornalística. Além de exigir especialização entre os profissionais, reconhecendo a necessidade de lançar mão de conhecimento em ciência, saúde e interpretação de dados, a pandemia exigiu a exploração de temas e narrativas até então pouco abordadas inclusive no Jornalismo Guiado por Dados. Um desses exemplos é composto pelas reportagens anteriormente mencionadas que se propuseram a demonstrar os limites dos dados oficiais, suas subnotificações, e os problemas de fazer análises baseadas em alguns repositórios públicos. Tudo isso em um cenário de constante negacionismo por parte do presidente Jair Bolsonaro e seus aliados, além da geração de desinformação pelo próprio governo federal e a ausência de uma política nacional para o combate à doença.

Por esses e outros tantos motivos, a cobertura da Covid-19 tem, ou teria, potencial para fugir de coberturas tradicionais. Os resultados desta pesquisa, no entanto, indicam um desfecho bastante convencional: a aposta do jornalismo em bancos de dados de fontes oficiais, mesmo com pouco detalhamento de informações sobre casos e mortes pela doença. Com inspiração metodológica na Análise de Cobertura Jornalística (SILVA; MAIA, 2011), este artigo buscou identificar o tipo e a origem das fontes documentais acionadas em notícias publicadas na seção *Igualdades*, da *Revista Piauí*, de março a junho de 2020 e que tiveram como foco a pandemia. Dentre as 62 fontes documentais detectadas, maior parte corresponde ao tipo estatística (82,26%) e apresenta origem oficial (64,52%). A análise de produto, com a qual a metodologia aqui adotada dialoga, certamente apresenta as limitações inerentes à ausência de um olhar para o processo produtivo (*newsmaking*) e por isso não capta nuances atribuídas ao desenvolvimento das pautas. Ao mesmo tempo, porém, permite que o pesquisador se coloque no lugar do leitor e avalie o conteúdo já publicado, tal qual a população terá acesso.

O emprego de fontes está associado à qualidade da informação produzida, e por isso seu estudo torna-se tão importante na pesquisa em jornalismo. Olhar para as fontes é fundamental para compreender práticas inovadoras e com alto potencial para a geração de contexto, conhecimento ou notícias-sobre-relações (NIELSEN, 2017), caso do Jornalismo



Guiado por Dados. Para que o processo de contextualização ocorra e seja possível estabelecer relações entre os acontecimentos, espera-se que uma variedade de fontes seja adotada como forma de obter qualidade informativa (REGINATO, 2019). Neste caso, não estamos falando de falsa equivalência (dar voz a um negacionista com o pretexto de “ouvir o outro lado”, por exemplo), mas de um complemento informativo à pauta.

Uma das vantagens do Jornalismo Guiado por Dados é encontrar ineditismo nos números e debruçar-se sobre eles para gerar conhecimento a partir de evidências. Tal jornalismo parece ser muito mais útil para orientar a população em tempos de pandemia do que uma prática que se preocupa apenas em reproduzir discursos sem problematizá-los. Não basta, portanto, dizer que uma autoridade acredita que determinado medicamento seja eficaz para a Covid-19 quando não há comprovação científica. Em um país permeado pela desinformação e pelo negacionismo oriundos principalmente do governo federal, resta ao jornalismo apresentar e contextualizar fatos amparados na ciência. Novos estudos poderão avaliar o papel do jornalismo em meio a este cenário de disputa de narrativas, cujo desfecho gera impactos significativos sobre áreas sensíveis como a saúde pública.

## Referências bibliográficas

- ANDERSON, C.W. **Apostles of certainty**: data journalism and the politics of doubt. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BRADSHAW, Paul. The ‘second wave’ of data journalism. In: MAIR, John et. Al (org.). **Data Journalism**: past, present and future. [S.l.]: Abramis, 2017. p. 244-253.
- DIEGUES, Leonardo; FARIA, Flávia; TAKAHASHI, Fábio. Base de dados de cartórios traz falhas que impedem calcular efeito real do coronavírus no Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, [s.n.], 13 maio 2020. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/base-de-dados-de-cartorios-traz-falhas-que-impedem-calculiar-efeito-real-do-coronavirus-no-brasil.shtml#>. Acesso em 20 ago. 2020.
- ERICSON, Richard V.; BARANEK, Patricia M.; CHAN, Janet B.L. **Visualizing deviance**: a study of news organization. Toronto: University of Toronto Press, 1987.
- GEHRKE, Marília. Jornalismo de dados e conhecimento científico: uma aproximação possível. In: 14º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. **Anais...** Palhoça: Unisul, 2016a.
- GEHRKE, Marília. O resgate da objetividade como método aplicado ao jornalismo guiado por dados. In: 15º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.
- GEHRKE, Marília. **O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018a.
- GEHRKE, Marília. Transparência no método como valor para o jornalismo. In: 16º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. **Anais...** São Paulo: FIAM-FAAM/Universidade Anhembi-Morumbi, 2018b.
- GEHRKE, Marília. Transparency as a key element of data journalism: perceptions of Brazilian professionals. In: **COMPUTATION + JOURNALISM SYMPOSIUM 2020**. **Anais...** Boston: Northeastern University, 2020.
- GITELMAN, Lisa; JACKSON, Virginia. Introduction. In: GITELMAN, Lisa (org.). **“Raw data” is an oxymoron**. Cambridge: The MIT Press, 2013. p. 1-14.
- GUERRA, Josenildo. **O percurso interpretativo na produção da notícia**: verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalístico. Aracaju: Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- LÜCKMAN, Ana Paula; FONSECA, Virgínia. Contexto e contextualização no jornalismo: uma proposta conceitual. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, p. 162-174, 2017.

NIELSEN, Rasmus Kleis. Digital news as forms of knowledge: a new chapter in the sociology of knowledge. In: BOCZKOWSKI, Pablo J.; ANDERSON, C.W. (org.). **Remaking the news: essays on the future of journalism scholarship in the digital age**. Cambridge: The MIT Press, 2017.

PARK, Robert E. News as a Form of Knowledge: A Chapter in the Sociology of Knowledge. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 45, n. 5, 1940, p. 669–686.

REGINATO, Gisele. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

ROSSI, Amanda; BUONO, Renata. As mortes incógnitas da pandemia. **Revista Piauí**, [s.l.], [s.n.], 15 jun. 2020. Igualdades. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/base-de-dados-de-cartorios-traz-falhas-que-impedem-calculiar-efeito-real-do-coronavirus-no-brasil.shtml#>. Acesso em 20 ago. 2020.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, São Paulo, n. 10, p. 18-36, 2011.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

TRÄSEL, Marcelo. **Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil**. Tese (Doutorado em Comunicação Social), PUCRS, Porto Alegre, 2014.

TRÄSEL, Marcelo; GEHRKE, Marília. **Que tipo de conhecimento é gerado pelo jornalismo guiado por dados?** Livro em homenagem à professora Luciana Mielniczuk, Porto Alegre, 2020. No prelo.

WESTLUND, Oscar; HERMIDA, Alfred. Data journalism and misinformation. In: TUMBER, Howard; WAISBORD, Silvio. (ed.) **Handbook on Media Misinformation and Populism**. London: Routledge, 2020.

ZAMITH, Rodrigo. Transparency, interactivity, diversity, and information provenance in everyday data journalism. **Digital Journalism**, Londres, v. 7, n. 4, p. 470-489, 2019.